

Repercussões do IBEU na Região Metropolitana de Curitiba

Olga Lúcia C. de F. Firkowski¹
Madianita Nunes da Silva²
Liria Yuri Nagamine³

A divulgação do IBEU – Índice de Bem-estar Urbano – seguiu-se de grande interesse e repercussão local, em razão de que Curitiba ocupou a terceira posição no conjunto das 15 regiões metropolitanas analisadas.

Inúmeras foram as matérias na mídia (impressa e televisiva) que buscavam entender o índice, fato que deve ser ressaltado na medida em que amplia a divulgação sobre a proposta que pode resultar em maior interesse sobre sua metodologia e também ampliar os interlocutores em potencial, sobretudo no âmbito daqueles que tem por atribuição formular políticas públicas de alcance metropolitano.

A confortável posição da Região Metropolitana de Curitiba - RMC, situada no ranking geral na terceira posição, atrás apenas de Campinas e Florianópolis pode, contudo, ocultar questões importantes e presentes no próprio IBEU, quando passamos à análise de cada uma das cinco dimensões que o compõe, revelando que em três delas a posição de Curitiba é preocupante, como será tratado posteriormente.

Do ponto de vista da diferenciação desse para outros índices, cabe ressaltar duas perspectivas: i) se trata de um índice construído para permitir uma visão do conjunto das região metropolitana e entre elas (IBEU global) e não apenas para cada um de seus municípios componentes, embora a informação municipal esteja também disponível (IBEU local), mas a intencionalidade do índice é lançar um olhar mais amplo sobre o conjunto da região metropolitana; ii) se trata de um índice que prioriza componentes de alcance coletivo e não individual, ou seja, aquilo que “a cidade deve proporcionar às pessoas em termos de condições materiais de vida” (RIBEIRO e RIBEIRO, 2013, p. 9). Eis, portanto, sua singularidade: permitir uma visão do conjunto da região metropolitana e priorizar elementos que estão além daquilo que as pessoas podem obter de modo individual.

¹ Professora do Departamento de Geografia da UFPR, Pesquisadora do CNPQ e do INCT/Observatório das Metrôpoles e Coordenadora do Núcleo Curitiba do Observatório das Metrôpoles.

² Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. Coordenadora do Laboratório de Habitação e Urbanismo – LAHURB. Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles.

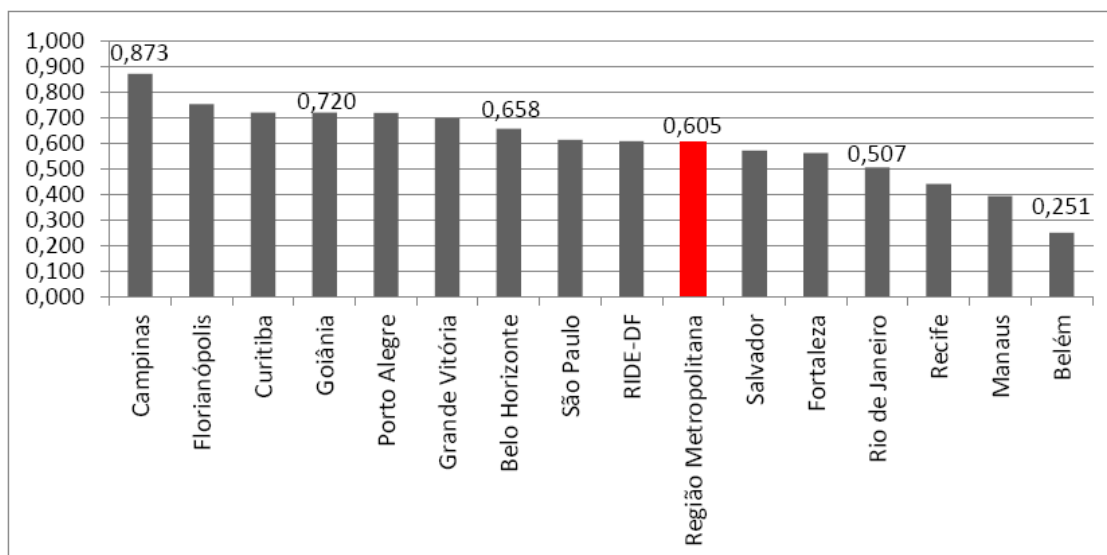
³ Arquiteta e Urbanista, Assistente de Pesquisa do Núcleo Curitiba do Observatório das Metrôpoles.

Assim, uma vez proposto o índice cabe-nos, nesse texto, levantar alguns elementos que possam contribuir para a verificação de suas repercussões em Curitiba, do ponto de vista daquilo que o índice permite observar de modo mais preciso, bem como de alguns dos seus limites.

1 A posição da Região Metropolitana de Curitiba dentre o conjunto de RM analisados no Brasil

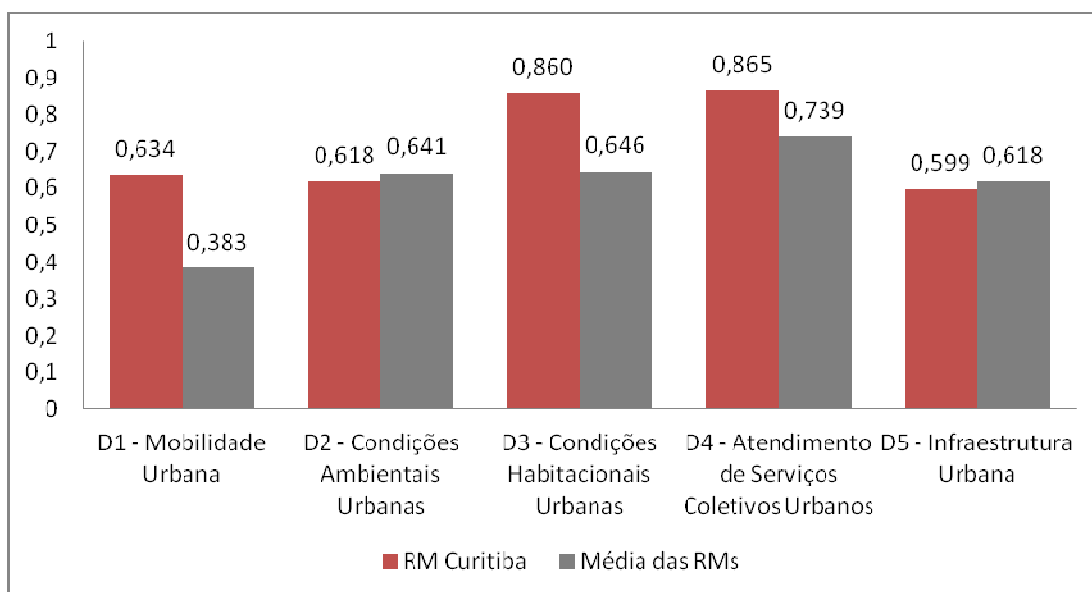
Como afirmado anteriormente, o resultado geral do IBEU para a Região Metropolitana de Curitiba esconde particularidades que devemos salientar, dentre elas, o fato de que das cinco dimensões analisadas, quais sejam: D1 - mobilidade urbana; D2 – condições ambientais urbanas; D3 – condições habitacionais urbanas; D4 – atendimento aos serviços coletivos urbanos e D5 – infraestrutura urbana, apenas em duas delas, D3 e D4, a RMC esteve posicionada dentre as RM's que apresentaram melhores resultados. Nas três outras dimensões, D1, D2 e D5, sua posição foi, respectivamente, em sétimo lugar, oitavo lugar e sétimo lugar, esta última (D5) estando inclusive abaixo da média das regiões metropolitanas, como mostram os Gráficos a seguir.

Gráfico 1: Índice de Bem-Estar Urbano segundo Regiões Metropolitanas (2010)



Fonte: Observatório das Metrópoles, 2013.

Gráfico 2: Índice de Bem-Estar Urbano da Região Metropolitana de Curitiba e Média das 15 RMs analisadas segundo as dimensões



Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2013. Elaborado por Núcleo Curitiba.

Particularmente preocupante foi a dimensão da mobilidade urbana (D1), sobretudo em face de que Curitiba tem uma história de ações no âmbito do planejamento e de soluções de transporte, que não se revela no resultado do índice, ao contrário, é praticamente negada pelo mesmo. Tal se justifica pelo afirmado anteriormente: o índice global se relaciona ao conjunto da RMC e não apenas aos limites do município de Curitiba, esse sim, objeto de intervenções relativas ao planejamento urbano, transporte e mobilidade. Isso nos aponta de modo inequívoco a urgente necessidade de ampliação da visão e da escala de intervenção dos projetos e políticas públicas. O dado sobre a Dimensão 1 é revelador das contradições entre município e região metropolitana.

Assim, embora as cinco dimensões possuam desempenhos diferenciados, as mesmas também possuem pesos distintos na composição do índice, desse modo, sua posição final (terceiro lugar) é resultado da ponderação entre os pontos fortes e fracos da RMC em conjunto.

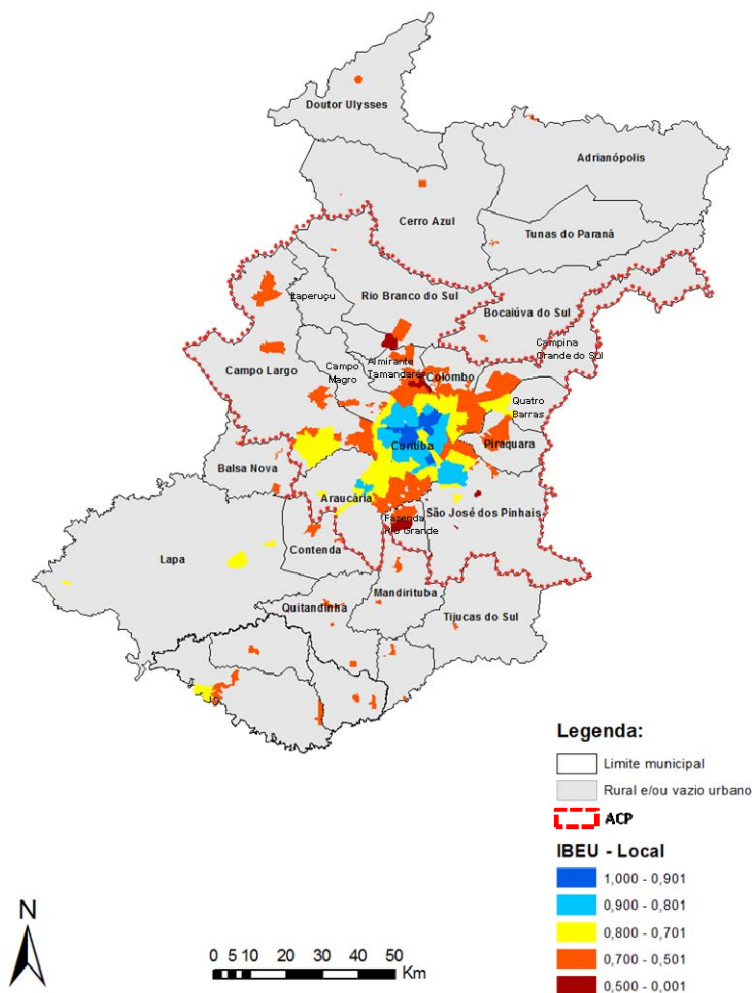
Portanto, o uso do índice para contribuir com a leitura da realidade, deve, necessariamente, considerar o exercício de olhar sobre o resultado geral, mas também de suas características de composição interna, ou seja, do desempenho de cada dimensão no contexto, sob pena de conclusões apressadas e por demais otimistas, como no caso da RMC.

2 Aspectos relevantes do IBEU local no interior da RMC

O IBEU, em sua perspectiva local, permite uma análise mais específica sobre a escala metropolitana e, igualmente, tal escala possibilita a indicação de questões que merecem atenção.

Em primeiro lugar, o Mapa 1 evidencia a importância da porção central da RMC que corresponde ao recorte utilizado pelo IBGE e denominado ACP – Área de Concentração da População. É nessa área que certas variáveis que compõem as cinco dimensões do IBEU se mostram mais relevantes, assim como a própria operacionalização do índice.

Mapa 1: Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU – Local)- Região Metropolitana de Curitiba - 2010

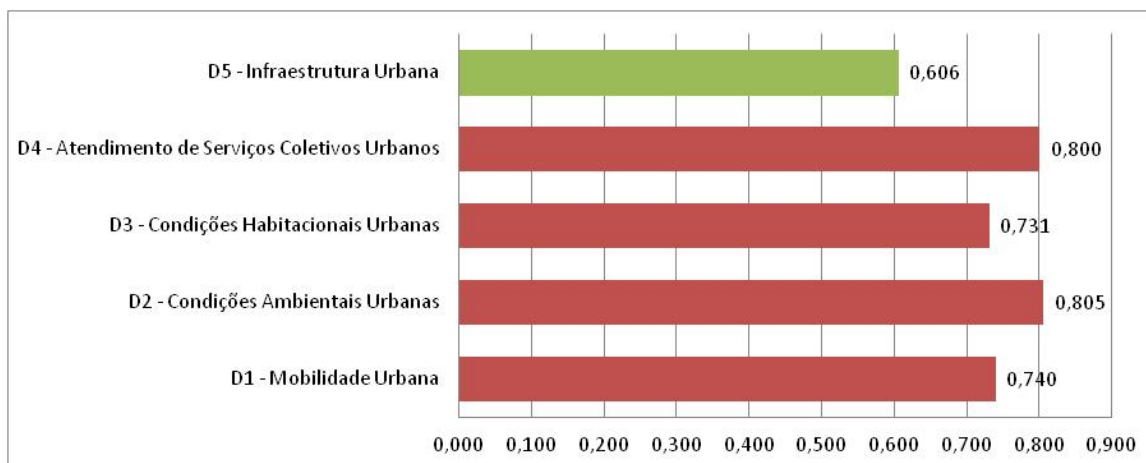


Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2013. Adaptado por Núcleo Curitiba.

O Mapa 1, elaborado a partir da correspondência com a escala de análise das áreas de ponderação, permite observar que as piores condições estão no entorno da metrópole Curitiba, em especial nos municípios de Almirante Tamandaré e Itaperuçu ao norte, e Fazenda Rio Grande ao sul. Observa-se que esses dois municípios mais Campo Magro e Rio Branco do Sul, ao norte, aparecem também entre os piores índices do IBEU dentre todas as RMs analisadas.

A média do IBEU, definida sob a sua perspectiva local comparativa entre as áreas de ponderação existentes na Região Metropolitana de Curitiba para cada uma das 5 dimensões, revela o pior índice na dimensão da infraestrutura urbana com patamar médio de bem estar urbano (0,606) e o melhor na dimensão das condições ambientais.

Gráfico 3: Média do Índice de Bem-Estar Urbano Local na Região Metropolitana de Curitiba segundo suas dimensões.

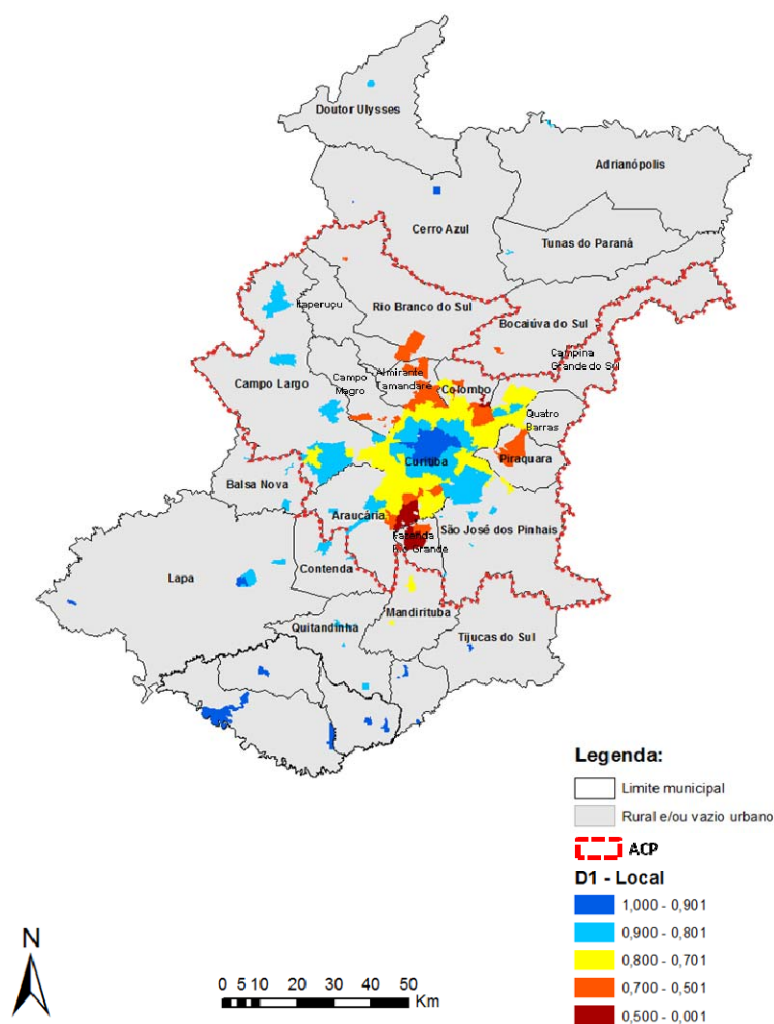


Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2013. Elaborado por Núcleo Curitiba.

Na dimensão da mobilidade urbana (D1), a média metropolitana é considerada de médio bem-estar urbano e nota-se a partir do Mapa 2 que os melhores índices são observáveis em duas áreas principais: o núcleo central da RMC, principalmente entre Curitiba e São José dos Pinhais ao leste, e nas áreas urbanas dos municípios mais distantes do núcleo, isso porque, se configuram como municípios pequenos (em extensão urbana e população), e com baixo nível de integração ao polo, ou seja, não participam dos fluxos de mobilidade mais importantes no contexto da RMC. Desse modo, ponderando-se que o que se considera na composição do IBEU – Mobilidade é o tempo de deslocamento casa-trabalho de até uma hora, inevitavelmente ocupam boas posições, municípios que, embora pertencentes à RMC, não possuem relações cotidianas e frequentes de deslocamento para a área central da RMC. Assim, deve-se ressaltar o

limite dessa dimensão para orientar a elaboração de políticas metropolitanas de transporte, pois não prioriza a identificação da porção territorial onde os maiores desafios estão concentrados. Nesse sentido, para uma visão mais ampla, é preciso agregar ao índice outros critérios, como os maiores fluxos de deslocamentos pendulares, por exemplo. No caso da Região Metropolitana de Curitiba, é possível afirmar, a partir de estudos realizados pelo Núcleo Curitiba com dados do Censo de 2010, que o transporte público não tem correspondido a tais demandas que não somente se expressam de forma acentuada entre os municípios de Almirante Tamandaré, Colombo, Pinhais, São José dos Pinhais, Fazenda Rio Grande, Araucária e Campo Largo em direção ao polo, como também pela espacialização de uma trama efetiva de trocas entre os municípios localizados em especial na porção do arco leste-sul de Curitiba.

Mapa 2: Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU Local - D1 Mobilidade Urbana)- RMC - 2010



Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2013. Adaptado por Núcleo Curitiba.

Ainda, de acordo com a Tabela 1 a seguir, que retrata o número de setores censitários por municípios segundo classificação dos índices de bem-estar urbano de cada uma das dimensões do IBEU local em muito bom (0,901-1,000), bom (0,801-0,900), médio (0,701-0,800), ruim (0,501-0,700) e muito ruim (0,000-0,500), pode-se ressaltar que em 28% do total de setores censitários considerados na ACP da Região Metropolitana de Curitiba, a mobilidade urbana é ruim ou muito ruim. Participam dessa classificação, de forma principal, setores localizados nos municípios de Almirante Tamandaré, Colombo, Curitiba, Fazenda Rio Grande e Piraquara.

Tabela 1: Nº de setores censitários por classificação de cada dimensão analisada para o IBEU Local

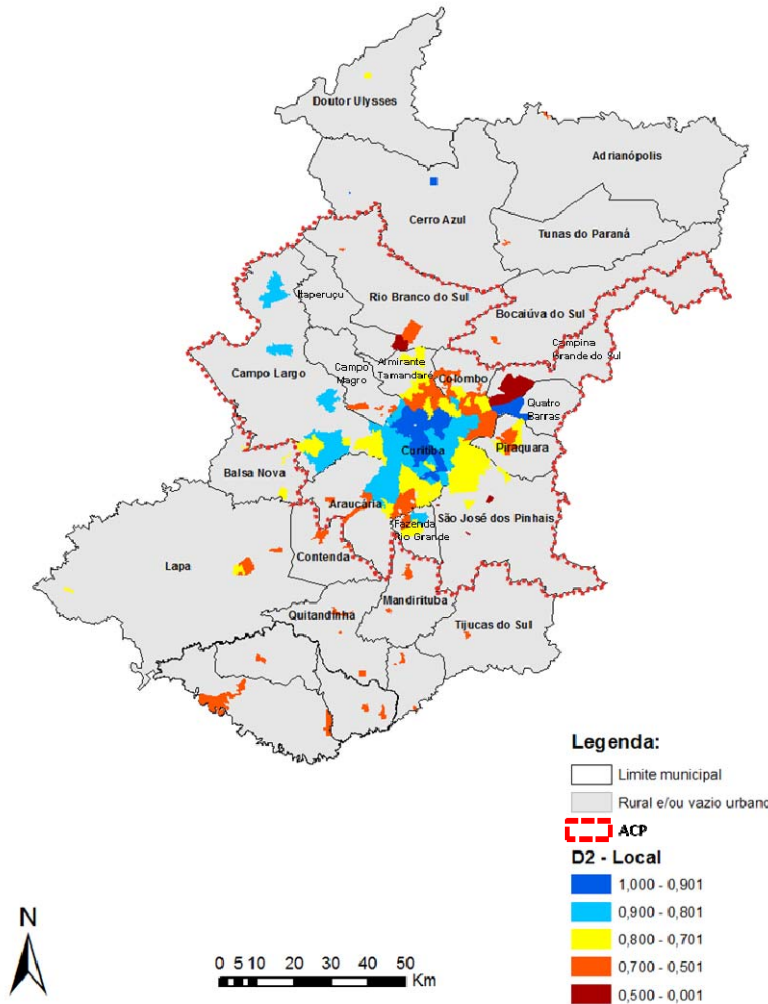
Dimensão	Classificação	Municípios														Total	Total (%)	
		Almirante Tamandaré	Araucária	Campina Grande do Sul	Campo Largo	Campo Magro*	Colombo	Curitiba	Fazenda Rio Grande*	Itaperuçu*	Pinhais*	Piraquara	Quatro Barras	Rio Branco do Sul	São José dos Pinhais			
Mobilidade Urbana	MUITO BOM							714									714	18%
	BOM		54		93			766			34				232	1.179	30%	
	MÉDIO	45	72	27	85		27	631			65		30			982	25%	
	RUIM		23	31			222	227			37	81			52	673	17%	
	MUITO RUIM	96	22			36	41	37	90	34		19		58		433	11%	
Condições Ambientais Urbanas	MUITO BOM		23					1.208			33		30			1.294	33%	
	BOM	50	122		111		71	954	33		34	19			145	1.539	39%	
	MÉDIO	45	26		67		169	176	29		69	81			108	770	19%	
	RUIM	46		27		36	50	37	28	34				58		316	8%	
	MUITO RUIM			31											31	62	2%	
Condições Habitacionais Urbanas	MUITO BOM							476								476	12%	
	BOM				18			680								698	18%	
	MÉDIO	21	82	27	135		106	703	33		99		30		183	1.419	36%	
	RUIM	120	89	31	25	36	166	478	57	34	37	100		58	70	1.301	33%	
	MUITO RUIM						18	38							31	87	2%	
Atendimento de Serviços Coletivos Urbanos	MUITO BOM			27	18		90	1.726			16					1.877	47%	
	BOM		73				99	480	61		120	100	30		145	1.108	28%	
	MÉDIO		26	31	39		47	135						41	86	405	10%	
	RUIM	120	72		67	36	54	34	29	34				17	22	485	12%	
	MUITO RUIM	21			54										31	106	3%	
Infraestrutura Urbana	MUITO BOM							154								154	4%	
	BOM							719								719	18%	
	MÉDIO		145					984								1.129	28%	
	RUIM		26		99		121	481	33		136		30		231	1.157	29%	
	MUITO RUIM	141		58	79	36	169	37	57	34		100		58	53	822	21%	

Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2013. Elaborado por Núcleo Curitiba.

A Dimensão 2, condições ambientais urbanas, possui média metropolitana como a de melhor situação. Sob o ponto de vista, portanto, de áreas com boa proporção de pessoas que moram em domicílio com arborização urbana, sem esgoto a céu aberto ou lixo acumulado nos logradouros do seu entorno, preponderam sobre o território os índices

considerados de médio a muito bom, situando-se nesta condição, aproximadamente 90% dos setores censitários.

Mapa 3: Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU Local - D2 Condições Ambientais Urbanas)- RMC - 2010



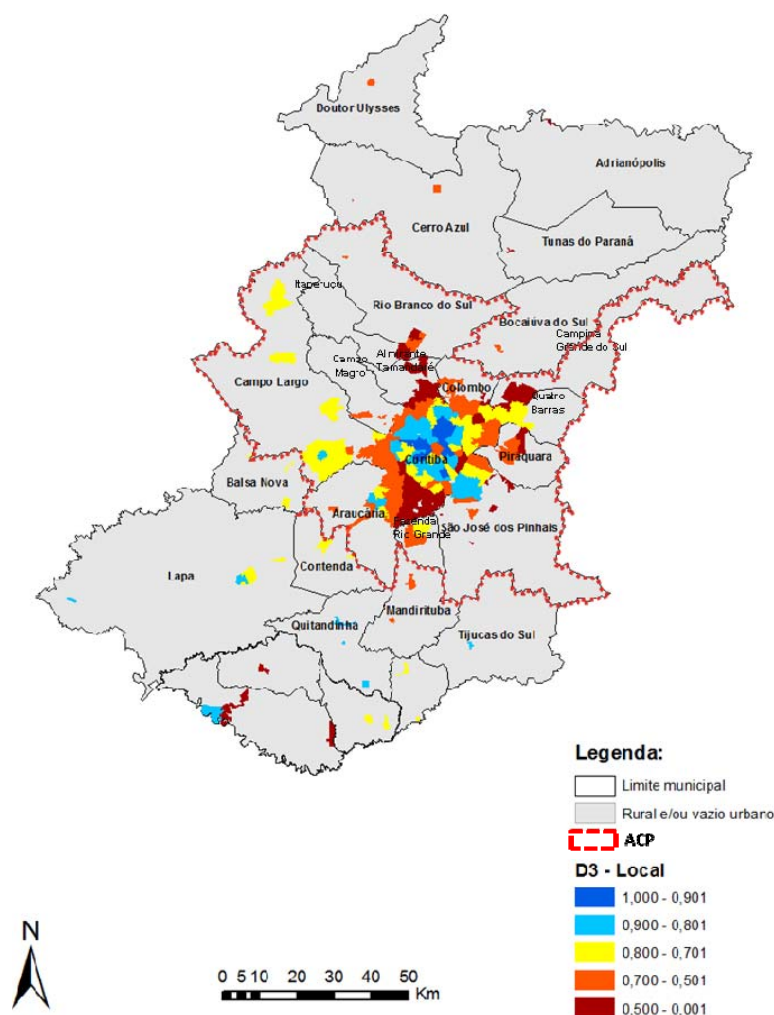
Fonte: Observatório das Metrópoles, 2013. Adaptado por Núcleo Curitiba.

No que concerne à Dimensão 3, referente às condições habitacionais urbanas, embora bem posicionada no conjunto das regiões metropolitanas do país, é importante destacar os limites de alguns dos indicadores que compõem essa dimensão para a realidade da RMC, sob pena de minimizar os graves problemas habitacionais existentes.

O município de Curitiba está entre os melhores índices da RMC nesse quesito, contudo, deve-se considerar que, estudos realizados num grau de detalhamento maior (SILVA, 2012), demonstram que Curitiba concentra as favelas e os piores problemas

relativos ao acesso à moradia da população de baixa renda, quando tomado o contexto metropolitano para análise.

Mapa 4: Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU Local - D3 Condições Habitacionais Urbanas)- RMC - 2010



Fonte: Observatório das Metrópoles, 2013. Adaptado por Núcleo Curitiba.

Outra questão importante do ponto de vista metodológico e que se relaciona à construção do IBEU é que a utilização da categoria ‘aglomerado subnormal’, utilizado pelo IBGE na coleta dos dados censitários, não expressa, em alguns municípios metropolitanos, nem 70% dos assentamentos informais existentes. Isso se explica pelo fato de que uma das principais características das favelas na RMC e, em especial no município de Curitiba, é a ocupação de áreas pequenas, em geral públicas, destinadas à implantação de equipamentos ou proteção ambiental, e que possuem menos de 51 domicílios, limiar inferior utilizado pelo IBGE para seus levantamentos. Disso resulta que a

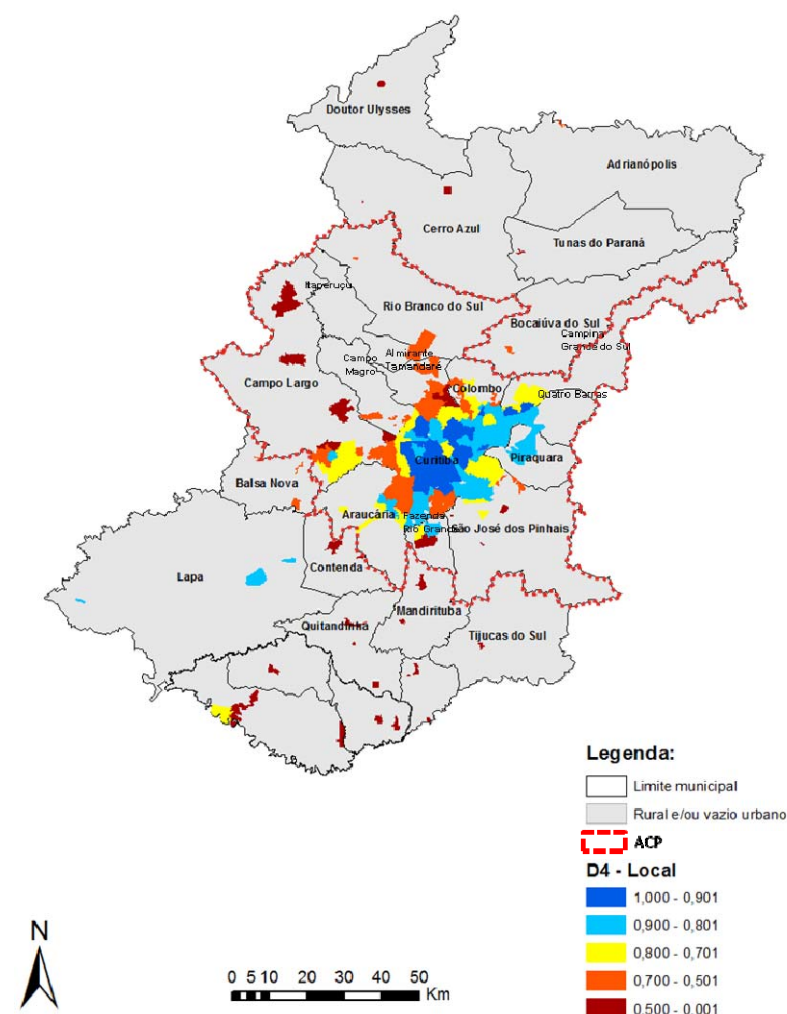
categoria 'aglomerado subnormal' a partir dos dados censitários, contribui para dar invisibilidade ao problema habitacional em Curitiba e região metropolitana.

Apesar das considerações acima apresentadas, o IBEU local relativo às condições habitacionais urbanas, demonstra sua importância ao captar em nível da área de concentração da população da Região Metropolitana de Curitiba, 33% dos setores censitários localizados em patamar médio de bem-estar e mais 35% em patamar ruim ou muito ruim de bem-estar. É também igualmente apropriada a localização destas áreas, abrangendo o sul do município de Curitiba e seu entorno, donde se destacam os municípios de Almirante Tamandaré, Araucária, Colombo, Piraquara e São José dos Pinhais.

A Dimensão 4, de atendimento aos serviços coletivos urbanos, apresenta o segundo melhor índice para a RMC, destacando-se em particular, o indicador serviço de abastecimento de água que possui a melhor classificação dentre as RM's analisadas, e os serviços de resíduos sólidos e energia elétrica, ambas ocupando o segundo lugar. A pior pontuação da RMC nesta dimensão é relativa aos serviços de esgotamento sanitário.

No conjunto da RMC, a espacialização deste índice indica uma boa colocação das porções situadas em Curitiba e seu entorno ao leste, abarcando especialmente os municípios de Pinhais, Quatro Barras, Piraquara e São José dos Pinhais, possivelmente resultado das políticas públicas praticadas ao longo do tempo de infraestruturação das áreas de proteção aos mananciais, destacando-se a localização, nesta região, de duas importantes represas de abastecimento público – represa do Iraí e Piraquara. Sob esse aspecto avalia-se que a área ao oeste, onde igualmente posiciona-se a represa de abastecimento público do Passaúna - que impede a expansão urbana nessa direção - e também áreas ao norte, definidas como aquífero Karst, com grande perigo de contaminação dos mananciais subterrâneos pela ocupação urbana, apresentam porções territoriais com índices médio, ruim e muito ruim de bem-estar urbano neste quesito.

Mapa 5: Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU Local - D4 Atendimento de Serviços Coletivos Urbanos)-RMC - 2010

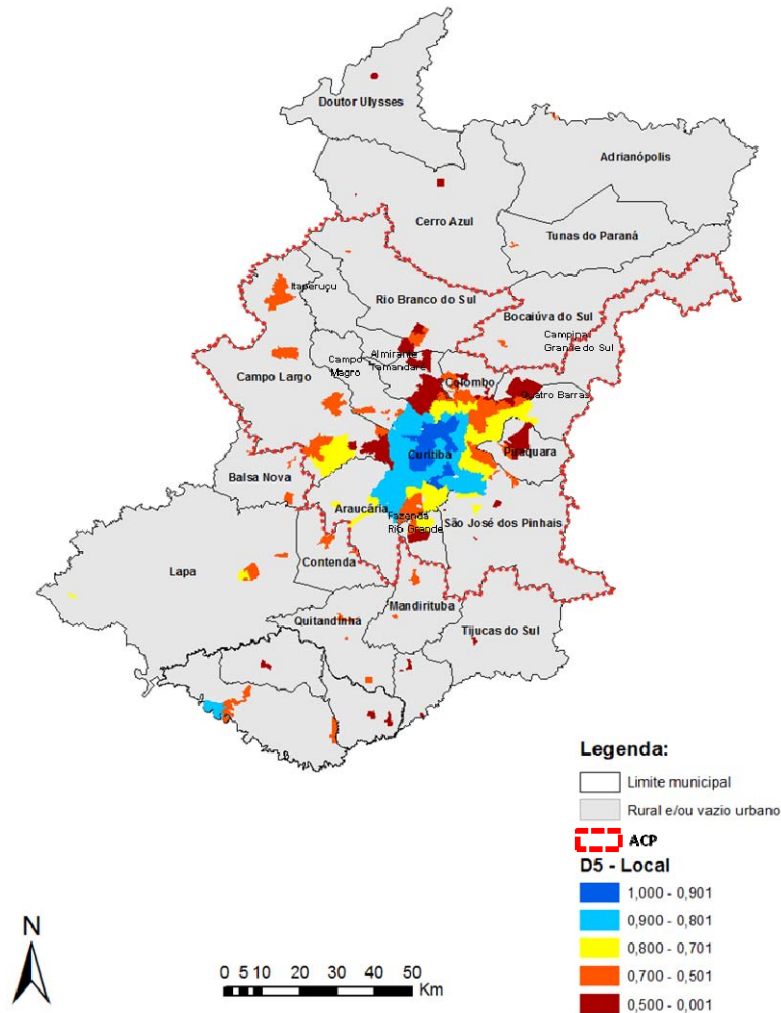


Fonte: Observatório das Metrópoles, 2013. Adaptado por Núcleo Curitiba.

Quanto à infraestrutura urbana (D5), a RMC apresentou os piores resultados dentre as dimensões analisadas, posicionando-se, inclusive, abaixo da média geral das RM's. A Região Metropolitana de Curitiba foi a que obteve o maior número de municípios com o pior resultado nesta dimensão e apenas dois, Curitiba e Araucária, aparecem entre os 40 melhores. A espacialização territorial deste índice por áreas de ponderação confirma a baixa performance em infraestrutura urbana das cidades, levando-se em conta que 60% dos setores censitários estabelecem-se como ruim (29%) e muito ruim (21%). Mesmo não considerando a qualidade da infraestrutura construída, o que certamente estabeleceria um nível ainda mais baixo de bem-estar urbano das cidades neste quesito, os resultados retratam a mínima prioridade dada pelas municipalidades em

aspectos referentes à escala do bairro, de elevada importância no tratamento da mobilidade e segurança municipal.

Mapa 6: Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU Local - D2 Infraestrutura Urbana)- RMC - 2010



Fonte: Observatório das Metrópoles, 2013. Adaptado por Núcleo Curitiba.

Pelo exposto deve-se ressaltar a importância do IBEU tanto em sua perspectiva global como local, como sinalizador de situações que merecem atenção. É um índice que prioriza o contexto das regiões metropolitanas e isso o diferencia dos demais, além de considerar elementos em sua composição, diretamente relacionados àquilo que o poder público oferece aos moradores das cidades e não ao que eles obtêm por sua própria conta.

Assim, entendemos sua importância como ferramenta de interpretação da realidade, disponibilizada aos gestores e à sociedade em geral e que, em si, não altera a

realidade, por óbvio, mas que pode, se utilizado na intenção de detectar desequilíbrios e contradições, ser de grande relevância social.

Salienta-se, por fim, que a constituição de uma séria histórica do IBEU deverá possibilitar, também, a análise de seu movimento no tempo.

Referências

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; RIBEIRO, Marcelo Gomes. Índice de Bem-Estar Urbano IBEU. Rio de Janeiro, Observatório das Metrôpoles, 2013.

SILVA, Madianita Nunes da. A dinâmica de produção dos espaços informais de moradia e o processo de metropolização de Curitiba. **Tese** (Doutorado em Geografia); Universidade Federal do Paraná, 2012, 259 f.